



Temas Abordados: Campanha Mundial “Construindo Cidades Resilientes, Plataforma Global para a Redução do Risco de Desastres – Sendai e a sua integração com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável, Conferência das Partes da CMNUCC - Acordo de Paris, Habitat III e a Cúpula Humanitária para a resiliência a desastres.

PUBLICAÇÃO: 13/09/2018



Representação
no Brasil



Ministério da
Cultura



Gestão de riscos de desastres para o Patrimônio Mundial

Os riscos de desastre representam o tema mais premente a ser considerado pelos gestores do patrimônio. **A perda progressiva de bens culturais e naturais**, como resultado de desastres naturais, conflitos sociais e outros riscos tornou-se uma grande preocupação, em parte devido ao papel importante que o patrimônio tem para a coesão social e o desenvolvimento sustentável, especialmente em momentos de estresse. No entanto, é baixo o número de bens inscritos como Patrimônio Mundial que elaborou um plano de redução de riscos de desastres adequado. Reconhecendo esses desafios, este livro tem como **objetivo sensibilizar os gestores e administradores do Patrimônio Mundial sobre a real extensão dos riscos de desastres a ele associados**. Ele fornece uma metodologia sólida para identificar, avaliar e reduzir esses riscos, com o objetivo de preservar o patrimônio e garantir que ele contribua para o desenvolvimento sustentável de suas comunidades. **Espera-se que este manual, utilizado em combinação com programas de treinamento**, possa ajudar a alcançar a mudança tão necessária nas atitudes que terminem por levar à construção de uma verdadeira cultura de prevenção dentro da comunidade de gestores e administradores do Patrimônio da Humanidade, auxiliando na necessidade urgente de preparar os bens do Patrimônio da Humanidade para futuros desastres.

Este livro faz parte da série de Manuais de Referência para o Patrimônio da Humanidade originalmente publicada pelo ICCROM em colaboração com o WHC, o ICOMOS e o IUCN.

A versão em português desta obra foi priorizada pelo Centro Lucio Costa (CLC) / IPHAN como parte da estratégia de sua consolidação como um centro de referência voltado para o desenvolvimento de um conjunto de atividades de formação – pesquisa, capacitação e difusão –, que promove a qualificação de profissionais e o compartilhamento do conhecimento produzido entre os países do Hemisfério Sul e com os parceiros da UNESCO.

Título original: *Managing disaster risks for world heritage*

Brasília: UNESCO, Centro Lúcio Costa/IPhan, 2015. 86 p. il.

ISBN: 978-85-7652-199-0

FONTE: <http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002318/231807POR.pdf>



UN Humanitarian

Uma experiência de realidade virtual em dados humana, a resiliência humana e resposta humanitária



OCHA mostrou um vídeo de realidade virtual único na conferência, destacando a importância dos dados em dados crises-how humanitária é coletado, acessíveis, compartilhados e analisados para informar as decisões que salvam vidas. OCHA produziu o vídeo com um produtor externo e filmagem foi tomada em agosto 2017, no nordeste da Nigéria. Os participantes da conferência foram capazes de utilizar três fones de ouvido especiais que os transportados para locais de deslocados, mercados, comunidades de acolhimento e o hub humanitária em Maiduguri.

FONTE: <https://www.youtube.com/watch?v=2AaAKEvT9YA&feature=youtu.be>

FONTE: <https://www.youtube.com/user/ochafilms>



Japão resiliente, mas a mudança climática agrava os desastres: especialistas

Por Karyn Nishimura-Poupee e Hiroshi Hiyama

Registre tufões, inundações bíblicas, ondas de calor, deslizamentos de terra e terremotos: neste verão, o Japão realmente viu tudo e as imagens da destruição causadas foram transmitidas para todo o mundo.

E enquanto a infraestrutura de classe mundial e os sistemas de alerta de alta tecnologia significam que o número de mortos e os danos são geralmente mais baixos no Japão do que em outros lugares, a mudança climática está colocando isso à prova, dizem os especialistas.

Além disso, os cidadãos acostumados a décadas de desastres naturais podem estar subestimando o risco representado por fenômenos mais fortes relacionados à mudança climática.

Mais de 220 pessoas morreram em enchentes em julho, principalmente porque "menos de um por cento das pessoas afetadas pelas recomendações de evacuação locais foram até os abrigos, pensando que não haveria nenhum problema", observa Jean-François Heimburger, especialista em desastres naturais em o país.

Ao contrário de outros países, mesmo os níveis mais altos de pedidos de evacuação no Japão não são obrigatórios e a grande maioria das pessoas os ignora.

"As pessoas tendem a tratar os alertas com muita complacência, com base em suas experiências pessoais", disse Kimio Takeya, professor visitante da Universidade de Tohoku, que também faz parte de um órgão de mudança climática da ONU.

Mas nesta época de mudança climática, a experiência pessoal não é mais um guia confiável.

"Estamos vendo chuvas que não vimos antes. A experiência passada não ajuda nesse sentido. Também é difícil evacuar sua casa quando a chuva cai à noite", acrescentou.

Os governos locais produzem "mapas de perigo" para mostrar onde as residências estão sob risco de inundações ou de deslizamentos de terra ou tsunamis, mas são pouco usadas e a consciência pública delas é baixa.

Isso levanta a questão: por que alguém iria viver no fundo de uma montanha em um país tão sismicamente ativo?

Por um lado, explica Takeya, cerca de 75 por cento do país é montanhoso, por isso sempre haverá alguns habitantes - geralmente agricultores - morando nas proximidades.

E os fazendeiros tradicionalmente cultivavam a terra plana para campos de arroz, construindo fazendas na terra bem no sopé da montanha.

"As famílias não deixam propriedades ancestrais porque o sistema patriarcal japonês está ligado à terra", disse Takeya.

Infelizmente, isso às vezes leva a cenas como as que aconteceram esta semana em Atsuma, uma pequena comunidade envolvida por um deslizamento de terra.

'Nowhere perfeitamente seguro'

No entanto, analistas apontam que o Japão ainda está bem equipado para lidar com essas catástrofes e o número de mortes é surpreendentemente baixo.

"Se esses desastres tivessem acontecido em outras nações, o dano teria sido muito pior, talvez 50 vezes se tivessem acontecido na Europa ou em outras partes da Ásia", disse Takeya.

Até recentemente, o Japão investiu até sete por cento de seu orçamento nacional em mitigação de desastres, o que melhorou significativamente sua **resiliência**, acrescentou.

Apenas um punhado de pessoas morreu como resultado direto do terremoto de magnitude 6,6 de quinta-feira na ilha de Hokkaido, no norte do país.

A esmagadora maioria das vítimas foram moradores de algumas dezenas de habitações atingidas pelo deslizamento de terra.

O Japão de alta tecnologia tem "previsões do tempo mais precisas graças a melhores satélites e novas casas e prédios mais resistentes a choques", disse Heimbürger.

E Tadashi Suetsugi, professor da Universidade de Yamanashi, disse que as pessoas no Japão, uma das áreas mais sismicamente ativas do mundo, "tiveram que aprender a viver com desastres".

"Perto do oceano, você enfrenta riscos de um tsunami. Perto de rios, você tem inundações. Perto de montanhas, você pode ter deslizamentos de terra.

"Se você incluir terremotos, não há realmente uma região perfeitamente segura no Japão", que está se preparando para sediar dois grandes eventos esportivos internacionais - a Copa do Mundo de Rúgbi no próximo ano e as Olimpíadas de Tóquio em 2020.

Tomando o exemplo de Tóquio, Heimbürger observa que existem 372 zonas designadas como "altamente perigosas", onde os edifícios podem entrar em colapso ou explodir em chamas durante um grande terremoto.

"Há mais de um milhão de pessoas lá. Você não pode dizer a todos para se mudarem", disse ele.

FONTE: <https://phys.org/news/2018-09-japan-resilient-climate-disasters-worse.html>

Mudanças nos extremos climáticos pedem aviso antecipado de potencial para incêndio catastrófico

Mudanças nas frequências de eventos climáticos extremos e temporadas de incêndio pedem maior capacidade de prever onde e quando as paisagens florestais mudam de um estado não inflamável (isto é, combustível úmido) para o estado altamente inflamável (isto é, combustível seco) necessário para incêndios florestais catastróficos.

Os atuais índices de risco de incêndio florestal usados na Europa, América do Norte e Austrália avaliam o comportamento potencial do fogo ao combinar índices numéricos de umidade do combustível, taxa potencial de propagação do fogo e intensidade do fogo. Esses sistemas de classificação numérica não possuem a base física necessária para quantificar com confiabilidade a inflamabilidade da floresta fora dos ambientes de seu desenvolvimento ou sob novas condições climáticas.

Aqui, Argumentamos que a superação dos limites críticos de inflamabilidade florestal é um pré-requisito para os grandes incêndios florestais e, portanto, os sistemas de aviso prévio devem ser baseados em uma previsão confiável de umidade e um modelo regionalmente calibrado de como a atividade dos incêndios florestais responde à variação no teor de umidade do combustível. Demonstramos o potencial desta abordagem através de um estudo de caso em Portugal. Utilizamos um modelo de umidade do combustível baseado na física com registros meteorológicos e de incêndios históricos para identificar limiares críticos de umidade do combustível para a atividade dos incêndios florestais e depois mostrar que os catastróficos incêndios florestais de Junho de 2017 no centro de Portugal irromperam pouco depois de os combustíveis na região secarem a níveis historicamente sem precedentes .

FONTE: <https://agupubs.onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/2017EF000657>



Descobrimo 'comunidade': Desafiando um conceito indescritível em desenvolvimento e trabalho relacionado a desastres

Este artigo tem como objetivo analisar a forma como o conceito de 'comunidade' entrou na moda e refletir criticamente sobre os problemas que vêm com ele. Este artigo levanta

dúvidas significativas sobre a utilidade da 'comunidade' no trabalho relacionado ao desenvolvimento e ao desastre.

A abordagem é primeiro considerar como a 'comunidade' se tornou popular na pesquisa e com agências humanitárias e outras organizações com base no que pode ser considerado uma 'licença moral' que supostamente garante que as ações que estão sendo tomadas sejam genuinamente centradas nas pessoas e eticamente justificadas. O artigo então explora várias abordagens teóricas para 'comunidade', destaca o vasto escopo de diferentes (e contestadas) visões sobre o que 'comunidade' implica, e explica como 'comunidade' está estruturando tentativas práticas para mitigar a vulnerabilidade e desigualdade.

Este artigo demonstra como essas tentativas geralmente são fúteis e, às vezes, prejudiciais, devido à falta de clareza dos conceitos de "comunidade" e seu fracasso inerente em lidar com as causas-raiz da vulnerabilidade. A partir de duas posições antagônicas, este artigo finalmente defende formas mais significativas de reconhecer as visões e necessidades das pessoas vulneráveis apropriadamente.

Em todas as áreas de trabalho acadêmico ou prático relacionado ao risco de desastres, mudança climática e desenvolvimento de forma mais geral, a comunidade e seus agregados baseados na comunidade tornaram-se a terminologia padrão quando se referem ao nível local ou trabalham "com as pessoas". Os termos são aplicados extensivamente para destacar o que se acredita ser uma abordagem centrada nas pessoas, participativa ou de base. Hoje, apesar de, ou devido à sua ambiguidade inerente, a 'comunidade' tende a ser usada quase que de forma inflacionária.

FONTE: <http://www.mdpi.com/2075-4698/8/3/71/htm>

INFORMAÇÕES

PROMOTOR BRASIL

<http://www.unisdr.org/campaign/resilientcities/Home/viewalladvocates#page-3>

CAMPINAS RESILIENTE - OBSERVATÓRIO

<https://resiliente.campinas.sp.gov.br/observatorio>

INFORMATIVOS UNISDR

<http://www.eird.org/camp-10-15>

PREVENTIONWEB

<http://www.preventionweb.net/english/>

SECRETARIA NACIONAL DE PROTEÇÃO E DEFESA CIVIL

<http://www.mi.gov.br/web/guest/cidades-resilientes>